

# A BRUXARIA EM EDIMBURGO

Em Edimburgo, antiga capital da Escócia, há uma loja de bruxaria em cada esquina. Ou pelo menos é essa a sensação de quem caminha pela Royal Mile, se embrenha nas ruelas de Old Town ou se aventura até Leith numa tarde de vento gelado. Entre bares históricos, pubs assombrados e vitrines de tartan, pipocam pequenas portas cobertas de runas, galhos secos, velas fumegantes e cartas de tarô — sinal discreto de que ali se vende um tipo muito específico de remédio: poções para a alma, amuletos contra a ansiedade, incensos para espantar fantasmas internos e externos.

A paisagem “witchy” da cidade não é mero capricho turístico. Ela se ergue sobre um solo histórico pesado. Durante os séculos XVI e XVII, a Escócia foi um dos países que mais perseguiu “bruxas” na Europa. Estima-se que cerca de quatro mil pessoas foram acusadas de bruxaria no país e algo em torno de 2.500 executadas, muitas delas em Edimburgo, sob a vigência do Witchcraft Act de 1563. Boa parte dessas execuções ocorreu nas imediações do que hoje é a esplanada do Castelo de Edimburgo e o Grassmarket, pontos obrigatórios de qualquer roteiro na cidade. Ali, uma pequena fonte — a Witches’ Well — lembra discretamente as mais de 300 pessoas queimadas sob a acusação de pacto demoníaco.

É nesse cenário, em que o passado de fogueiras ainda crepita sob o asfalto, que as lojas de bruxaria parecem florescer com naturalidade. Elas são, ao mesmo tempo, uma resposta lúdica a esse passado sombrio e um sintoma de um mundo em que a espiritualidade virou um mercado altamente segmentado.

---

## Da fogueira à vitrine

O que antes era crime capital hoje é produto de prateleira. No século XVI, o interesse obsessivo do rei James VI pela bruxaria — que chegou a escrever um tratado, *Daemonologie*, em 1597, defendendo a caça às bruxas — alimentou perseguições que misturavam religião, política e misoginia. As supostas bruxas eram vistas como ameaça à ordem divina e social.

No século XXI, a mesma figura da bruxa é recodificada. Longe das fogueiras, ela se torna símbolo de autonomia feminina, rebeldia e reconexão com a natureza. O chapéu pontudo vira fantasia de Halloween, o caldeirão vira panela de aromaterapia, e a magia sai da esfera do medo para entrar na lógica do bem-estar e do consumo.

Essa transformação diz muito sobre como as sociedades lidam com seus fantasmas históricos. Em vez de varrer a memória da perseguição para debaixo do tapete, Edimburgo a incorpora no roteiro turístico, nos museus, nas *ghost tours* noturnas, nas caminhadas guiadas sobre os julgamentos de bruxas — e também nessa proliferação de lojas que vendem desde grimórios a sabonetes esotéricos. O que antes era prova de heresia, agora rende boas fotos para o Instagram e faturamento para pequenos empreendedores.

---

### **Farmácias de símbolos**

Comparar lojas de bruxaria às farmácias brasileiras não é apenas uma piada sobre quantidade. Há algo mais profundo aí. Nas farmácias, buscamos remédios para dores físicas, vitaminas para reforçar a imunidade, cosméticos para corrigir imperfeições. Nos *witchy shops* de Edimburgo, muita gente procura outra forma de cura: um cristal para “equilibrar energias”, uma vela para “abrir caminhos”, uma leitura de tarô para organizar o caos da própria biografia.

Basta entrar, por exemplo, numa casa como a The Wyrld Shop, que se apresenta como a “mais antiga loja de ocultismo de Edimburgo”, especializada em magia com cristais, paganismo, druidismo e folclore. Ou ainda em espaços como a Portal Leith, em um prédio histórico na região do porto, oferecendo cristais raros, artigos de bruxaria, leituras de tarô e quiromancia. Em ambos os casos, a experiência é híbrida: parte loja, parte templo, parte consultório emocional.

Há ainda lugares como o Wheel of Fate, que mistura ateliê de artesanato e oficina de bruxaria: ali se aprende a encadernar grimórios, fabricar vassouras ritualísticas, fiar fios como em uma releitura contemporânea das Parcas, enquanto se pode reservar uma sessão de tarô, runas ou leitura de folhas de chá com uma “hereditary witch”. E, para quem prefere a abordagem museológica, o Museum of Magic, Fortune-telling & Witchcraft oferece uma espécie de síntese entre história, curiosidades e espetacularização do oculto.

Em comum, todos esses lugares oferecem algo que as farmácias também prometem: alívio. Só que, em vez de bula e contraindicação, trabalham com símbolos, rituais e narrativas.

---

### **O turismo do sobrenatural**

Edimburgo soube transformar sua reputação de cidade sombria em marca. *Ghost tours* percorrem vielas, cemitérios e porões onde se contam histórias de bruxas, poltergeists e crimes macabros. Guias narram o destino de Agnes Sampson e

Geillis Duncan, figuras reais dos julgamentos de North Berwick, hoje lembradas como vítimas de histeria coletiva e violência de Estado.

Jornais, blogs e guias de viagem descrevem a cidade como um “paraíso de caçadores de fantasmas”, onde a cada esquina parece haver um eco de execuções, doenças, pobreza e superstição. Em meio a esse cenário, as lojas de bruxaria funcionam quase como estações dessa narrativa maior: cada cristal, cada tarô, cada frasquinho de ervas se torna souvenir de uma relação íntima com o “lado de lá”.

Ao mesmo tempo, iniciativas contemporâneas como a campanha Witches of Scotland — que luta por reconhecimento e pedido de desculpas oficiais às vítimas históricas dos julgamentos de bruxaria, além de inspirar símbolos como um tartan memorial específico para essas mulheres — ajudam a ancorar o turismo no reconhecimento de injustiças passadas. Não se trata apenas de vender medo e mistério, mas também de provocar reflexão sobre misoginia, abuso de poder e mecanismos de perseguição que, sob outras máscaras, continuam atuando.

---

### **Bruxaria como linguagem contemporânea**

Se olharmos com atenção, a atual febre de bruxaria em Edimburgo dialoga com tendências globais: crescimento do interesse por astrologia, tarô, cristais, práticas “holísticas” e espiritualidades alternativas. Em um mundo hiper-racionalizado nos discursos, mas profundamente ansioso nas experiências, a bruxa reaparece como metáfora de resistência contra o excesso de controle, inclusive o controle científico-tecnológico que se dá o direito de quantificar tudo — exceto aquilo que escapa às métricas.

Para muitos jovens — sobretudo mulheres e pessoas LGBTQIA+ —, a bruxaria oferece uma gramática de empoderamento. A figura da mulher que conhece ervas, domina rituais, fala com as forças da natureza e recusa obedecer aos dogmas patriarcais se torna um ícone político tanto quanto espiritual. Ao comprar um colar com pentagrama ou um baralho de tarô, o turista às vezes leva consigo, sem perceber, um fragmento dessa narrativa de subversão.

Edimburgo, com seu passado de perseguição, é um cenário ideal para essa reescrita simbólica. As mesmas colinas onde corpos foram queimados agora ganham tours, memoriais e museus. As fogueiras se extinguíram, mas deixaram brasas suficientes para alimentar um imaginário que a cultura pop, a literatura fantástica e o cinema ampliam constantemente.

---

### **Entre a injustiça e o encantamento**

Há, claro, um risco de banalização: transformar sofrimento histórico em cenário instagramável e dor coletiva em decoração temática de loja. Mas a multiplicidade de vozes em Edimburgo — de campanhas por perdão póstumo às vítimas, de livros e pesquisas sobre os julgamentos, de tours que enfatizam o caráter político e social das perseguições — indica que a cidade tenta encontrar um equilíbrio entre o lúdico e o respeito à memória.

As lojas de bruxaria, nesse contexto, ocupam um lugar ambíguo e interessante. Elas existem no cruzamento entre capitalismo e magia, entre consumo e cura simbólica, entre passado e presente. São negócios, mas também pequenas cápsulas de narrativa: cada objeto vendido conta uma história, remete a uma tradição, reinterpreta um estigma.

No fim, talvez seja por isso que pareçam mesmo farmácias de esquina: porque lidam, à sua maneira, com corpos cansados, mentes aflitas e corações em busca de sentido. Não com antibióticos e anti-inflamatórios, mas com símbolos, rituais e a promessa de que existe algo além daquilo que a razão consegue explicar.

Edimburgo, cidade de filósofos iluministas e bruxas perseguidas, de universidades prestigiosas e porões assombrados, encontrou na convivência entre esses mundos um traço de sua identidade. Ao sair de uma dessas lojinhas, com um cristal no bolso ou um tarô debaixo do braço, o visitante leva mais do que um souvenir: leva um pedaço dessa longa história de medo, repressão, encantamento e reinvenção.

E, enquanto houver quem procure esse tipo de remédio para a alma, pode ter certeza: em Edimburgo, as lojas de bruxaria continuarão surgindo como farmácias no Brasil — sempre haverá uma na próxima esquina.